

# O gênero textual-discursivo ‘História em Quadrinhos’ no ensino da língua inglesa

*Jhonatan Carvalho Santos (UFES)\**

<https://orcid.org/0000-0003-4622-749X>

*Tatiany Pertel Sabaini Dalben (UESC)\*\**

<https://orcid.org/0000-0002-6140-8646>

## Resumo:

Atualmente, professores de língua inglesa (LI) enfrentam diversos desafios no desenvolvimento da competência comunicativa dos seus alunos. Questões como políticas públicas, planejamento e motivação estão entre os fatores que impulsionam o fracasso no processo de ensino e aprendizagem de inglês no ensino básico brasileiro. Tendo este contexto como base e problemática, este trabalho qualitativo, de cunho bibliográfico busca discutir as vantagens no uso do gênero textual discursivo Histórias em Quadrinhos (HQ) como recurso didático-pedagógico para o aprendizado desta língua que hoje possui o status de língua franca. Como resultado, apresentaremos uma proposta de planejamento de uma aula com o uso deste gênero tendo como temática a ‘sustentabilidade’. Através do uso de HQ, acreditamos que, além da competência comunicativa em LI, pode-se também desenvolver pensamento crítico-reflexivo.

**Palavras-chave:** Ensino e aprendizagem de língua inglesa; Gêneros textuais discursivos; História em quadrinhos; Sustentabilidade.

## Abstract:

### The textual-discursive genre ‘Comics’ in English language teaching

Currently, English teachers face several challenges when it comes to the development of their students’ communicative competence. Issues such as public policies, planning and motivation are among the factors that lead to the failure of the process of teaching and learning this language in the Brazilian basic education. Having this context as a basis and research problem, this qualitative work, of bibliographic nature, has as main objective to discuss the advantages of using the discursive textual genre ‘Comics’ as didactic-pedagogical for the learning of this language that today has the status

\* Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8659287956666870>. E-mail: [carvalhojon2@gmail.com](mailto:carvalhojon2@gmail.com)

\*\* Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta de língua inglesa no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9651433763447163>. E-mail: [tatianypertel@yahoo.com.br](mailto:tatianypertel@yahoo.com.br)

of lingua franca. As a result, we will present a planning proposal for a class with the use of this genre having ‘sustainability’ as main theme of discussion. Through the use of ‘comics’, we believe that in addition to the communicative competence in English, students can also develop their critical thinking.

**Keywords:** English teaching and learning; Discursive textual genres; Comics; Sustainability.

## Introdução

Inicialmente, julgamos necessário situar o leitor acerca do nosso local de fala, para melhor deleite na leitura e compreensão deste trabalho. Assim, trazemos concepções, indagações, anseios e até sugestões construídos a partir de experiências vividas na condição de ex-alunos e docentes de língua inglesa (LI) nos contextos de escolas públicas e privadas, de cursos de idiomas, e/ou da universidade. Tal bagagem nos permite dissertar sobre o tema proposto com visão multifacetada, articulando nossa experiência como alunos e professores.

É sabido que, na atualidade, a LI nas escolas públicas – e até mesmo nas particulares – por vezes, ainda não é considerada tão importante quanto as outras disciplinas do currículo – por parte das autoridades brasileiras, dos alunos, e muitas vezes, também dos professores. São vários os motivos que levam à problemática da não-aprendizagem<sup>1</sup> deste idioma nas escolas. Alguns deles são referentes ao lugar reservado a essa língua nos próprios documentos e leis que regulam a Educação Básica no Brasil.

Além disso, os professores das escolas públicas enfrentam outras adversidades, como: ambientes de alta vulnerabilidade social, turmas numerosas e bastante hetero-

gêneas – o que dificulta o acompanhamento do professor no desenvolvimento das habilidades comunicativas –, dentre outras. Sobre essa realidade, Almeida Filho (2016, p. 10) afirma que: “nas escolas sobram indisciplina, desrespeito aos professores e dirigentes e pouca disposição para aproveitar ao máximo os estudos”, o que reflete a não-aprendizagem da LI.

Também destacamos a postura do aluno com referência a esta disciplina, por eles considerada ‘desnecessária’, um ‘trabalho árduo’ que não mostra resultados. Muitos estudantes ainda não conseguem enxergar a real necessidade da aquisição de uma língua adicional (LA), pois, acreditam que não a utilizarão no dia-a-dia. Para a maioria desses alunos, essa desmotivação provém da crença de que jamais sairão do Brasil e, portanto, sua permanência no país lhes retiraria a necessidade da aprendizagem desta língua.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo British Council (2015), 81% dos professores afirmam que os problemas relacionados à aprendizagem da LI são devido à falta de recursos didáticos como os recursos tecnológicos e falta de materiais complementares. Outro fator alarmante é o de que 59% dos professores investigados percebem certo distanciamento e aversão dos alunos com o idioma, pois não há motivação para aprender a LA. Ainda segundo esta pesquisa, 42% dos professores segue o modelo pronto de planejamento enviado às escolas

1 Utilizaremos a expressão “não-aprendizagem” para ilustrar que compreendemos que houve e que há um processo de ensino e aprendizagem nas salas de aula de língua inglesa. Porém, ele não alcança o nível de comunicação efetiva desta língua. Assim, o principal objetivo de aprendizagem não é alcançado.

pela Secretaria de Educação, enquanto 37% dos docentes planeja suas aulas livremente.

Com base nesta pesquisa e em outros estudos (CÂNDIDO DE LIMA, 2011; SIQUEIRA; ANJOS, 2012; MARZARI; GEHRES, 2015; ALMEIDA FILHO, 2016) podemos perceber que o professor de LI enfrenta inúmeros desafios, cabendo a ele a quase hercúlea tarefa de remar contra a maré e buscar meios de melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Nessas condições, acreditamos que o professor possa aproveitar o planejamento pré-estabelecido pelos órgãos competentes, ou pelo livro didático proposto pelo PNLD<sup>2</sup>, e, muitas vezes escolhido pela direção da escola, que a priori, é imposto ao professor, para que faça as devidas adaptações para as suas turmas – haja visto que as salas de aulas são cada vez mais heterogêneas.

Com relação às abordagens que os professores de inglês utilizam para ensinar essa língua, verifica-se que são, muitas vezes, centradas somente em questões gramaticais (CÂNDIDO DE LIMA, 2011; SIQUEIRA; ANJOS, 2012), o que não é suficiente para desenvolver a competência comunicativa do aprendiz. Ao contrário, é necessário que o professor, o coordenador pedagógico e toda a equipe escolar, deem a devida atenção ao uso efetivo da língua, ou seja, que se preocupem em romper com uma metodologia prescritiva e engessada, para assim, conseguir criar condições mais favoráveis de interação real entre a disciplina/conteúdo e o aluno (HYMES, 1972). Além disso, é importante (re)pensar metodologias e abordagens que incluam a forma e o uso da língua

2 O PNLD, ou Programa Nacional do Livro Didático, é um projeto do Governo Federal, implantado pelo Ministério da Educação, na época sob o comando de Fernando Haddad que, a partir de 2011, começou a distribuir coleções didáticas de Inglês e Espanhol para os Ensinos Fundamental II e Médio das escolas públicas brasileiras.

de maneira articulada para gerar significação para o aluno (WIDDOWSON, 1978; ALMEIDA FILHO, 2016).

Portanto, mesmo sabendo que alguns dos aspectos envolvidos na problemática da não-aprendizagem da LI no ensino básico advêm de políticas governamentais, devemos estimular a motivação dos jovens à aprendizagem. Pode-se perceber, por exemplo, que eles estão cada vez menos interessados pela leitura escolar/acadêmica – dizemos isso baseados em nossa experiência enquanto docentes.

Com base nos problemas acima elencados e nesta percepção da falta de interesse dos alunos pelos gêneros mais formais, como professores atuantes na área de ensino de LI, questionamos: de que forma podemos melhorar a motivação dos alunos para o aprendizado de uma língua, hoje, considerada franca e decisiva para o futuro pessoal e profissional dos nossos alunos? Que contribuição podemos dar, como pesquisadores e estudiosos das línguas adicionais e das metodologias de ensino, para modificar, pelo menos em parte, o contexto de ensino e aprendizagem de LI nas escolas de ensino básico?

Assim, neste estudo, discutiremos o contexto de ensino e aprendizagem de LI em que o professor considera e utiliza Gêneros Textuais Discursivos (doravante GTD) diversos em sua prática metodológica, mas, em especial, as Histórias em Quadrinhos (HQ). Tal temática já vem sendo explorada em diversas pesquisas e debates, com o objetivo de harmonizar o ambiente educacional (CARVALHO, 2006; RAMA; VERGUEIRO, 2008; RODRÍGUEZ, 2008; SANTOS, 2012; TAVARES, 2016; FRANCO, 2018).

A presente pesquisa, porém, vem contribuir para as discussões com reflexões e proposições acerca do desenvolvimento do

pensamento crítico-reflexivo através do uso das HQ, como, por exemplo, refletir sobre sustentabilidade. Tal contribuição segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que compreende o processo de aprendizagem de inglês pela perspectiva da educação linguística, mas também consciente e crítica, “na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas” (BNCC, 2017, p. 241).

Portanto, buscamos, com esta pesquisa, discutir a interação que pode ser feita entre GTD e LI, em especial no Ensino Médio, e de que forma a HQ poderia contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dessa língua. Outro aspecto que aqui discutiremos é a possibilidade do desenvolvimento do senso crítico-reflexivo através do uso das HQ, a partir de reflexões com o uso do tema transversal ‘sustentabilidade’. De modo geral, esperamos que o uso de HQ em aulas de LI possa auxiliar os estudantes a perceber a importância e o valor de adquirir uma LA no mundo altamente globalizado em que vivemos, e, com isso, aflorar uma paixão pelos estudos, em especial, pelo inglês.

### **História em quadrinhos: gênero textual discursivo que motivam**

Embora o termo ‘Gênero do Discurso’ seja amplamente empregado por Mikhail Bakhtin (1997; 1986), optamos por utilizar, neste estudo, o termo ‘Gêneros Textuais Discursivos’ (GTD), pois, ao versar sobre o uso de HQ em aulas de LI, queremos enfatizar suas contribuições linguísticas e estruturais (com o uso do termo ‘textual’) e discursivas, já que discutiremos acerca da ‘sustentabilidade’, possibilitando ao aluno perceber a conexão de construto de interação discursiva e social inerente ao ser humano.

Entretanto, antes de expor e discutir a concepção de Gêneros do Discurso tecida por Bakhtin (1997; 1986), primeiramente, é de suma importância recorrer à concepção de enunciado que ele propõe, já que ela permeia toda a discussão sobre gêneros. Assim sendo, Bakhtin (1997) é crítico das teorizações linguísticas que consideram o locutor idealizado, sozinho, sem ponderar sobre sua relação com outros sujeitos e situações prévias. Para o autor, certos teóricos da linguagem realizam “uma estimativa errada das funções da linguagem” (BAKHTIN, 1997, p. 289). Mais precisamente, Bakhtin (1997, p. 290) explica que:

Nos cursos de linguística geral (até nos cursos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos aspectos reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em ficção científica.

Nessa perspectiva, há, geralmente, uma confusão conceitual entre o que seria ‘oração’ e ‘enunciado’. A ‘oração’, conforme Bakhtin (1997, p. 295-296) é uma “unidade da língua”, e “representa um pensamento relativamente acabado, diretamente relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor, dentro do todo do enunciado”. Já o ‘enunciado’, é “a unidade da comunicação verbal”, ele “é um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido” (BAKHTIN, 1997, p. 296). O enunciado implica, portanto, uma atitude responsiva marcada pela alternância de sujeitos.

Dessa forma, a ideia de enunciado proposta por Bakhtin (1997) é vista como unidade da comunicação a partir da existência dos enunciados em sua forma concreta realizados pelos falantes. Ou seja, o enunciado se refere a algo que fora dito no passado e que conseqüentemente será diferente do presente momento, completando, portanto, o efeito subjacente de sentido, pois, a língua é uma atividade dialógica que se constrói a cada instante através da interação entre sujeitos. Essas interações 'passadas' conduzem as interações 'futuras', considerando que não é uma mera repetição de enunciados, mas, sim, a construção de um novo enunciado com base no que já fora exposto anteriormente. Assim, a ação realizada é o que motiva certos tipos de enunciados a partir do uso da língua em sua esfera de atividade comunicativa (oral e escrita), ou seja, no vínculo entre atividade e linguagem.

Neste contexto, Bakhtin (1997) inclui as obras científicas, uma vez que elas se configuram como réplicas a enunciados anteriores com os quais os autores tiveram contato, e também se apresentam com determinadas intenções comunicativas do autor: criticar, persuadir, entreter, etc. Ou seja, há, por certo, uma interação inserida em um contexto, em uma interação verbal.

Entendemos que as diversas possibilidades do uso verbal são postas a partir de determinadas características existentes nas mais variadas maneiras de comunicação verbal. E, segundo Bakhtin (1997), a construção desses enunciados é a real estrutura da comunicação humana. De acordo com esse pensamento, Mayara Barbosa Tavares (2016, p. 43) afirma que:

[...] todos os variados campos da atividade humana, por mais variados que sejam, encontram-se ligados ao uso da linguagem. Isto é, o ser humano, o sujeito, inserido nos

diversos contextos – familiar, profissional, acadêmico, amoroso, dentre outros –, interação com os demais sujeitos e consigo próprio via linguagem, seja ela verbal e/ou não verbal. Para Bakhtin (1997), a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A língua é vista como uma atividade essencialmente dialógica, na qual os sujeitos interagem em dados momentos sociais, históricos e ideológicos.

Dessa maneira, podemos perceber que para cada situação interativa humana, existe pelo menos um gênero sendo utilizado, ocasionando em novas 'regras' e novas formas de uso e tratamento. Com isso, se entretece aí a relação de um gênero com a esfera de atividade, o que confere ao gênero uma característica relativamente estável, pois cada esfera da atividade e da comunicação humana confere diferentes estilos linguísticos e funcionais a ele. As condições específicas em que cada esfera da comunicação verbal se estabelece geram um ou mais gêneros determinados, "tipos de enunciados relativamente estáveis do ponto de vista temático, composicional e estilístico" (BAKHTIN, 1997, p. 283-284).

Assim, ainda em consonância com Tavares (2016, p. 45):

Ao verificarmos a característica relativamente estável do gênero do discurso, é possível interpretarmos que o que constitui um gênero não são apenas seus aspectos formais, composicionais, mas também a sua ligação, a sua conexão, com uma situação social de interação. (...) é necessário observarmos também as relações com a situação social que entretencem a nossa sociedade contemporânea e possibilitam a construção de efeito de sentidos.

Logo, os GTD são relativamente estáveis e se dão num processo participativo, o que pressupõe uma característica de mutabili-

dade conforme as necessidades humanas. Além disso, é necessário ressaltar que “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável” (BAKHTIN, 1997, p. 279) e, por essa razão, ao tentar exemplificar os GTD, com certeza, a lista seria grande, pois “cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Portanto, concordamos com Luiz Antônio Marcuschi (2007, p. 279), quando ele afirma que os gêneros textuais são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, [...]. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Esses gêneros têm peculiaridades específicas que podem ir desde uma conversa íntima e informal entre amigos e familiares às mais diversas linguagens técnico-científicas. Eles estão correlacionados às diferentes atividades cotidianas, o que dificulta também sua identificação, já que essas tarefas humanas estão intrinsecamente relacionadas ao uso da língua, que é, por sua vez, diverso.

Ou seja, ao compreender a língua como um construto social, correlacionada às produções socioeconômicas e culturais, uma prática de interação em contínua (re) construção, entende-se que os enunciados (orais e escritos) surgem – ao mesmo tempo em que refletem características peculiares – dos resultados das necessidades humanas de interação. Tais necessidades são as responsáveis pela (re)criação de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que são indissociáveis do tema, do conteúdo, do estilo, o que por sua vez, dão forma ao que Bakhtin (1997) chama de Gêneros do Discurso.

A história nos mostra que, no início dos tempos, povos de comunicação essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após o aparecimento da escrita, muitos outros gêneros surgiram. Hoje, com o crescimento dos meios eletrônicos, houve uma diversificação e ampliação de novos gêneros, tanto orais quanto escritos, pois, como já sabemos, os gêneros textuais são textos que encontramos no nosso dia-a-dia (MARCUSCHI, 2007), ou seja, aqueles que utilizamos diariamente e, em diversas situações sociocomunicativas, os quais possuem estilo e composição própria.

Portanto, podemos concluir que “[...] é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, [...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”, como bem nos ensina Marcuschi (2007, p. 22, grifos do autor). Então, porque o professor não se vale mais dessa afirmativa e utiliza diferentes gêneros textuais de forma consciente<sup>3</sup> em sala de aula?

Concordamos com Bakhtin (1997, p. 282), quando alerta para o fato de que “ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, [...]”. Talvez essa negligência, por parte de alguns professores, pode estar levando as aulas de LI a esse formalismo e abstração que Bakhtin nos alerta. Atualmente, novas práticas para o ensino de LI estão sendo estudadas por pesquisadores de todo o mundo. Didáticas ‘descontextualizadas’ estão, aos

3 Sabemos que de uma forma ou de outra, os GTD são utilizados em sala de aula, pois, qualquer interação é feita através dos gêneros. Entretanto, cabe ao professor selecionar e utilizar os gêneros de forma planejada para desenvolver certas habilidades, atitudes e conhecimentos nos alunos.

poucos, vestindo uma nova roupagem que dê espaço ao ensino de línguas configuradas nos GTD que propiciem o desenvolvimento crítico dos alunos.

Por essa razão, acreditamos ser de extrema importância que o professor de LA tenha conhecimento de tais conceitos, uma vez que “uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular [...], ou seja, dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica” (BAKHTIN, 1997, p. 282). Também cabe ao professor saber selecionar diversos GTD para que os alunos possam ter contato com variadas situações interativas. Um desses GTD pode ser as HQ. Elas são ricas em contextos históricos, socio-culturais e políticos que podem contribuir de forma significativa para a socialização do aluno, visto que essas práticas sócio-históricas estão em constante construção.

Sua utilização consciente pode ser uma oportunidade de grande valia para aprender uma LA em seus mais diferentes usos reais do cotidiano. Para tanto, precisamos conhecer alguns processos sócio-históricoculturais para dissertar sobre o uso das HQ em aulas de LI, o que passamos a fazer, a seguir.

## **O surgimento das HQ e sua relação com o ensino: relevância e contribuições para as aulas de LI**

Para entendermos como as Histórias em Quadrinhos são hoje, precisamos conhecer sua provável história. Segundo Edgar Silveira Franco (2001, p. 5), é possível datarmos as primeiras aparições das HQ desde o tempo das cavernas, em que o ser humano utilizava desenhos e símbolos para se comunicarem. Em contrapartida, o autor ainda nos

revela que existiam outros tipos de manifestações artísticas que supostamente vieram antes das HQ, como um manuscrito pré-colombiano encontrado por Cortês em 1519.

As HQ só puderam se transformar em meio cultural de massa após a invenção da imprensa no século XV. A imprensa de Johannes Gutenberg possibilitou uma ruptura na compreensão deste tipo de comunicação como algo rudimentar e possibilitou que as HQ assumissem um novo papel na sociedade: uma forma de comunicação realizada a partir de tiras impressas em jornais.

No contexto norte-americano, as HQ compunham o que ficou conhecido como “cultura de massa” (TAVARES, 2016, p. 52) e datam entre 1895 a 1928. Michael Schumacher (2013, p. 38) afirma que lá, “em 1895, Joseph Pulitzer, do *New York World*, começou a publicar *Hogan's Alley*, por muitos considerada a primeira tira em quadrinhos dos Estados Unidos”. Ainda segundo Schumacher (2013), tais tiras possuíam uma característica populista e foram criadas para “aumentar a circulação entre leitores numa época em que a disputa pelas vendas de jornais em Nova York se dava na base do vale-tudo”. Outros quadrinhos por lá criados foram: *Yellow Kid* e *Buster Brown*.

Porém, só após a Segunda Guerra Mundial em 1945, que houve uma propagação maior das HQ por intermédio do aparecimento dos heróis fictícios (TAVARES, 2016). Foi quando “a popularidade dos quadrinhos atingiu o seu pico. Eles não eram mais entretenimento apenas para garotos [...] também eram para irmãos mais velhos, primos e tios que vestiam uniforme e tentavam vencer uma guerra” (SCHUMACHER, 2013, p. 110). O autor ainda destaca que:

Os editores de quadrinhos, à procura de novos leitores, adaptaram-se a esse novo público [...]. Pilhas de quadrinhos de super

-herói ainda saíam das gráficas, mas novas revistas, que destacavam soldados, detetives e, as mais populares, mulheres sexy com roupas mínimas, apareciam quase da noite para o dia, atingindo leitores num nível mais visceral (SCHUMACHER, 2013, p. 110).

Durante o período pós-guerra, um psiquiatra alemão chamado Frederic Wertham lançou seu exemplar de HQ intitulado *Seduction of the Innocent* (1954), o que, de acordo com Angela Rama e Waldomiro Vergueiro (2008), causou repúdio por parte da população mais culta daquela época, por se tratar de uma história que envolvia jovens problemáticos. Daí as HQ passaram a se tornar ‘inadequadas’, pois, segundo Rama e Vergueiro (2008, p. 16):

Sua leitura afastava as crianças dos objetivos ‘mais nobres’ – como o conhecimento do ‘mundo dos livros’ e o estudo de ‘assuntos sérios’ –, que causavam prejuízos ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar consequências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para a apreensão de idéias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores.

Aqui no Brasil, a relação entre as Histórias em Quadrinhos e a Educação nem sempre foi vista com bons olhos pelos centros educacionais, porque as HQ eram entendidas somente como atividades de lazer e que instigavam “hábitos estrangeiros” nos jovens. Djota Carvalho (2006, p. 32) salienta que as primeiras críticas formais contra as HQ surgiram em 1928. Segundo o autor, “a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles ‘incutiam hábitos estrangeiros nas crianças’”.

De acordo com Roberto Elísio dos Santos e Waldomiro Vergueiro (2012), em 1996 ocorreu a promulgação da LDB, que

propôs um “acordo de paz” para inserção das tirinhas como ferramenta pedagógica, o que foi o início para a reversão desse pensamento aversivo aos “hábitos estrangeiros” no Brasil.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009), mesmo com o auxílio incentivador tanto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), quanto do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), faz-se necessário refletir sobre práticas que subsidiem um ensino adequado aos alunos. Sabemos que existem quadrinhos que são produzidos para diferentes públicos e faixas etárias, portanto, cabe ao professor reunir aqueles dos quais podem ser extraídos conteúdos pedagógicos, para assim, viabilizar o ensino da LA.

Beatriz Marcondes, Gilda Menezes e Thaís Tosshimitu (2003, p. 12) afirmam que “ler o que circula socialmente é, [...] atuar na sociedade, participando e não se limitando a pequenos universos”. Logo, é possível trazer para o universo da sala de aula, textos que poderão auxiliar o aluno a interagir em sua realidade social, a exemplo das HQ. Entretanto, Márcia Mendonça, em 2007, dizia que, nesta época, as HQ ainda eram negligenciadas na escola, um gênero que seria objeto de leitura apenas fora da sala de aula, e que ainda não fora inserido como recurso didático, apesar de serem totalmente relevantes, visto a aceitação dessa leitura pela maioria das crianças e dos jovens. Nos tempos atuais, esta continua sendo uma verdade.

Partindo do pressuposto de que as HQ possuem uma dinamicidade tanto em sua composição gráfica quanto na sua formulação discursiva, pode-se considerar a leitura desse gênero como uma atividade prazerosa, apreciada por um público que envolve crianças, jovens e adultos. Acreditamos que o uso das HQ possibilita o incentivo à lei-



tura, o gosto pelo aprendizado de uma LA, além de incitar o senso crítico. Portanto, as HQ podem proporcionar aos alunos maior desejo de ler e de produzir algo, oportunizando a exploração e ampliação da sua criatividade.

Destarte, de acordo com Rama e Vergueiro (2008, p. 21):

A inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades de aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

Portanto, as HQ podem ser trabalhadas em sala de aula, como forma de abranger tanto temas considerados antigos quanto os considerados atuais. Com leitura e discussões sobre os temas abordados, é possível promover um aprimoramento, de forma estimulante, da habilidade de fala, e, como consequência, auxiliar no desenvolvimento da escrita do discente. Nesse sentido, o aluno começa a reconhecer que os textos que são trabalhados em sala de aula são reflexos/representações da realidade, enunciados provenientes de contextos reais de comunicação. Com isso, ele poderá conhecer novas culturas e refletir criticamente sobre elas, e até mesmo sobre a sua própria cultura, elevando o seu conhecimento de mundo e sua competência intercultural.

Sob este viés, a escolha desse GTD se deu porque ele possui características atrativas, podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, e também, aguçar o imaginário e a criatividade dos alunos durante a sua formação em uma LA, além de contribuir para a amplia-

ção do seu repertório lexical.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), discorrem sobre a importância da aprendizagem de uma LA e de como ela pode aumentar a percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Segundo os PCN (1998, p. 67):

É importante haver diversidade de materiais para que os conteúdos possam ser tratados da maneira mais ampla possível. [...] Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento.

As HQ são um recurso viável para o ensino de línguas, principalmente no que tange o ensino voltado para uma LA, por possuírem linguagem que, em sua maioria, pode ser de fácil compreensão, embora, caiba ao professor fazer uma seleção que promova, de fato, uma educação linguística crítica para o aprendizado dos seus alunos. Além disso, podem-se utilizar as HQ como recurso para mostrar aos alunos a importância da leitura, conduzindo os educandos a enxergarem as possíveis e diversas interpretações que podem estar para além das linhas.

Nesse sentido, o uso do GTD HQ pode ser um grande aliado do professor de LI para tentar reverter a falta de interesse dos alunos pela leitura, triste realidade atual. Isso porque as revistinhas, geralmente, possuem uma linguagem (in)formal, além de apresentar uma diversidade de cores, personagens e outros aspectos que chamam a atenção do jovem aluno. Por essas razões, elas podem criar um possível desejo pela leitura, e, claro, proporcionar um ensino de mais qualidade, pois, de acordo com Tavares (2016, p. 71):

[...] a configuração geral das histórias em quadrinhos apresenta um entrecruzamen-

to e uma indissociabilidade entre palavra e imagem, as quais exigem que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais mutuamente, pois ler HQs, como salienta Eisner (2001), é um ato de percepção estética e de esforço intelectual, que exigem de seus leitores e, em nosso caso, de seus analistas, um desempenho intelectual e estético durante a leitura concomitante do verbal e do não verbal.

Nesse contexto, percebe-se que as HQ podem contribuir efetivamente para o processo de ensino e aprendizagem de LI, principalmente pelo fato de ter uma característica inter, multi e transdisciplinar, bem como a perspectiva do inglês como língua franca. Assim, o uso das HQ pode contribuir para a compreensão dos diversos aspectos pertencentes à língua alvo como os contextos sócio-histórico-culturais a ela inerentes.

Segundo a BNCC (2017, p. 242), “saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação [uma vez que se trata de uma língua internacional] – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual) [assim como as HQ], em um contínuo processo de significação contextualizado”. Pois, como afirma Bakhtin (1997), os gêneros não são entidades fixas, mas, sim, estão submetidos a mudanças advindas com passar dos tempos.

Vê-se, dessa forma, a necessidade de a escola incentivar cada vez mais o aluno ao gosto pela leitura dos mais variados GTD, porque o indivíduo não consegue se manter neste mundo sem informações e/ou ter noção do que se passa ao seu redor. Portanto, a leitura se concretiza quando ela é motivada não só pela necessidade, mas, também, pelo prazer e satisfação que a leitura pode proporcionar, assunto ao qual nos dedicamos a seguir.

## HQ como recurso didático-pedagógico para o desenvolvimento do hábito de leitura

Entendemos a leitura como um processo individual e intransferível de interpretação e (re)construção de sentidos através do qual o sujeito se transforma e transforma outros. Jacques Derrida (1967) chama esse processo de *écriture*, ou seja, ‘escritura’, durante o qual a linguagem é produzida a partir da criação de sentido. Pela ótica desconstrutivista, este último depende de traços que compõem o jogo da significação, sempre móvel e dependente de aspectos fluidos da comunicação e da interação humana. A cada instante, o jogo responsável pela composição da interpretação, ou da leitura, da criação de textos (falados ou escritos), ou mesmo do que Derrida (1967) chama de *écriture*, se refaz e novos traços se formam para a construção de novos significados.

Os textos são produzidos pela interação socialmente histórica do ser humano (BAKHTIN, 1997). Portanto, o aprendizado de uma LA deriva do máximo de contato com ela em situações práticas que permitem aos discentes enxergar as estruturas gramaticais, os aspectos linguísticos, o contexto em que aquela leitura está inserida, além da compreensão advinda dela.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (2006) ressaltam que o papel das LA é de promover sentidos significativos ao aluno através dos GTD, conduzindo-o a construir sua própria competência comunicativa que permeia situações mais autênticas possíveis do uso da língua-alvo. Logo, o ensino da LI através dos GTD, possibilita o desenvolvimento de habilidades que conduzem o aluno a atingir a proficiência

na língua. Para tanto, Daví Jéan Rodríguez (2008, p. 10) nos traz motivação quanto à leitura e à produção das HQ nas aulas de LI. Segundo o autor, “a história em quadrinhos, assim como a música, é um tipo de texto muito atraente e atrativo por suas características intrínsecas e especificidades. Ela é lúdica, divertida, compacta, rápida, ágil”.

Portanto, ler diferentes gêneros torna o sujeito capaz de inter(agir) com e no mundo, pois, quanto maior o contato do sujeito com diferentes gêneros, maior quantidade de informação e capacidade crítica o sujeito terá, principalmente quando estes GTD são apresentados em outra língua. É bom lembrar que 80% de toda publicação mundial é feita em LI. Ou seja, se ler já é uma atividade libertadora, ler em inglês é muito mais. Assim, podemos dar o pontapé inicial para a aquisição desse gosto pela leitura e pela LI através das HQ.

Então, quando a escola relaciona as leituras escolares com as que circulam socialmente, que são do gosto particular dos alunos, a exemplo das HQ, esse ensino poderá resultar, de modo significativo, na melhoria da habilidade de leitura, pois, segundo Rama e Vergueiro (2008, p. 21), “as histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico”. De igual forma, os elementos que compõem as HQ também podem facilitar a criação de sentidos, como nos afirma Tavares (2016, p. 77):

Em síntese, vários são os recursos possíveis para a materialização dos efeitos de sentidos nas histórias em quadrinhos, tais como a percepção visual global, a temporalização especializada, a estruturação elíptica, o enquadramento, o formato dos balões, das legendas, o tipo de letra (negrito, itálico etc.), o uso de onomatopeias, o uso de determinadas cores e outros. Assim como as palavras,

as imagens são importantes para a construção do efeito de sentidos nas HQs, que materializam diversos planos, ao retratar detalhes como expressões faciais e objetos diversos.

As OCEM (2006), há mais de 10 anos, já imprimiam uma preocupação com a discussão sobre os textos lidos pelos jovens. De acordo com este documento (2006, p. 112):

Nesta última década, admite-se que a importância da leitura se tornou mais evidente na educação nos âmbitos nacional e internacional. Muitas pesquisas (realizadas por agências e universidades nacionais e internacionais) surgiram preocupadas com o que o jovem lê, de que modo lê, buscando avaliar inclusive se ele “lê melhor ou pior” em função das novas tecnologias de comunicação e informação. Em muitas décadas de estudos sobre leitura, surpreendem os resultados que indicam ainda insuficiência na compreensão de textos.

Outrossim, para motivar os alunos, além de falar sobre o quão importante é o ensino, poderemos criar novas formas de instigar o seu interesse pelo aprendizado, como, por exemplo, ensinar LA através das HQ. Segundo Tavares (2016, p. 68):

É perceptível que a leitura de imagens é uma das habilidades necessárias para a comunicação na contemporaneidade, assertiva observável, por exemplo, no uso de placas de trânsito, de instruções técnicas referentes ao modo de como utilizar determinados aparelhos elétricos e eletrônicos, dentre outros. E, é em meio a este século predominantemente visual, que nos atemos à arte sequencial: histórias em quadrinhos.

Por isso, as HQ podem ser trabalhadas em sala de aula com o propósito de promover, além de motivação, discussões sobre temas atuais, temas transversais, como a ‘sustentabilidade’, assunto a ser abordado na próxima seção. Isso possibilita a integração entre debates interdisciplinares e o desen-

volvimento das habilidades linguísticas e cognitivas através de uma abordagem mais comunicativa em que o discente se sinta estimulado a aprender a LI.

## **Relação entre HQ e sustentabilidade: a formação do ser cidadão à luz da reflexão ético-crítica**

As OCEM (BRASIL, 2006, p. 87) têm como objetivo “retomar a reflexão sobre a função educacional do ensino de Línguas Estrangeiras no Ensino Médio e ressaltar a importância dessas; [além de] reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de Línguas Estrangeiras”.

Então, afirmamos que os GTD, quando bem utilizados no ensino de LI, poderá elevar o nível de criticidade tanto do aluno quanto do professor perante as questões de cidadania, ampliando sua forma de ver e estar n(o) mundo, além de enriquecer seu vocabulário. Para tanto, acreditamos que as HQ podem promover a interdisciplinaridade de forma que auxilie o desenvolvimento da prática de leitura dos educandos. Portanto, a partir dessa interdisciplinaridade promovida pelas HQ, e, utilizando a LA como *background*, os alunos poderão perceber que estudar também pode ser prazeroso, além de oferecer possibilidades para expandir seus conhecimentos sobre o mundo em que vivem e a sociedade que os cercam.

Logo, o professor estará contemplando discussões complexas de forma inteligente e dinâmica – a depender da escolha dos quadinhos a serem utilizados –, e mais prazerosa, de modo que os discentes se engajem em determinadas questões que agucem o seu senso crítico. Para auxiliar na busca por esse objetivo, a utilização de temas trans-

versais pode ser de grande utilidade, como, por exemplo, a temática da ‘sustentabilidade’, que aqui iremos abordar.

Nesse sentido, as OCEM (2006, p. 92) nos dizem que, “conforme sugestões feitas em outros parâmetros curriculares, os temas transversais podem ser de grande valia”. Para tanto, trazemos para esse trabalho a educação ambiental que é o estudo que reforça o conhecimento acerca dos meios através dos quais as pessoas constroem seus valores sociais e culturais, voltados para a preservação do meio ambiente em que estão vivendo. Com isso, a educação ambiental deve estar inteiramente articulada com o processo educativo em todos os níveis escolares, pois, é um direito de todos receber essa educação específica, sendo o seu ensino formal ou não.

De acordo com o Art. III da Lei Nº 9795/1999 (BRASIL, 1999), a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis de educação – ensino infantil, fundamental, médio, superior, profissional, especial, e, de jovens e adultos. A educação ambiental não deve tão somente ser implantada como uma disciplina, mas perpassar todas as disciplinas de forma articulada. Por esta razão, buscamos, com este estudo, maneiras que inspirem o docente a trabalhar a LI a partir do viés inter, multi e transdisciplinar, promovendo a ampliação do conhecimento ético-crítico-cidadão tanto dos educandos quanto dos agentes educacionais.

Vale dizer, à luz do Art. IV desta mesma Lei (BRASIL, 1999), que ela tem como princípios básicos o pluralismo de ideias e a introdução de concepções de cunho pedagógicos que vinculem a educação às práticas sociais, articulando, assim, diferentes questões ambientais tanto regionais quanto nacionais, e reforçando o reconhecimento e o respeito para com a diversidade pluralis-

ta de pensamentos e ideologias de outrem. Assim, ressaltamos, pois, o papel dos GTD e, em especial, das HQ como recurso de acesso ao conhecimento sobre como agir em sociedade e refletir sobre ela.

Dessa forma, o ensino de uma LA dentro da escola propicia ao educando uma formação educacional mais sólida. Portanto, reforçamos o pressuposto de que o uso de HQ relacionado com a reflexão a partir dos temas transversais nas aulas de LI, poderão auxiliar na conscientização dos discentes de que devem desenvolver o seu comportamento cidadão, a fim de propiciar a sua (auto)formação. Com isso, reafirmamos que todo sujeito não somente está presente no mundo, mas, age nele de maneira a (re) transformá-lo a cada momento.

### **Focalizando o ensino-aprendizagem do inglês através das HQ: mãos à obra**

Ressalta-se, inicialmente, que não é nossa pretensão fornecer prescrições de como ensinar LI com o uso de HQ. O que estamos propondo aqui, é pautar uma discussão em que apresentamos nossos pontos de vista, e também, sugestões de como abordar a temática da sustentabilidade. Como professores, sabemos que tais sugestões são valiosas quando queremos ideias a serem utilizadas e adaptadas conforme o contexto de cada uma de nossas turmas.

Assim, uma pergunta esperada, após toda a discussão teórica acima colocada, pode ser: como trabalhar com as HQ levando em consideração um ensino mais comunicativo e dinâmico, que enverede de forma profícua o ensino e aprendizagem do LI em sala de aula do/no Ensino Médio?

Esse trabalho exige bastante atenção do docente, visto a necessidade de conduzir os

alunos à compreensão de como se manifesta cada GTD, nesse caso, as HQ. É importante preparar uma apresentação aos alunos explicando as características linguísticas/estruturais e pragmáticas das HQ. Por fim, é relevante que o professor os conduza ao mundo real, tendo em vista a função social da língua presente em todo gênero.

Portanto, criar condições favoráveis para que os alunos possam aprender sobre as muitas características comunicacionais, discursivas, linguísticas e pragmáticas do gênero proposto é tarefa do professor. Para tanto, vale salientar que o processo de ensino e aprendizagem, no que diz respeito a uma LA, pode se tornar um tanto complexo, se não atribuídos reais valores a esse aprendizado. Entretanto, tendo em mente o conhecimento prévio do educando, é importante que o professor utilize elementos da própria região na qual o aluno está inserido, criando, assim, um ambiente mais favorável e mais real para o ensino da língua-alvo.

Por esta razão, trazemos aqui uma inspiração em como trabalhar as HQ, uma proposta de iniciação de sequência didática<sup>4</sup> com a problemática da 'sustentabilidade'. Trata-se de uma discussão inter, multi e transdisciplinar que possui um caráter lúdico e artístico, misturando texto e imagem, cooperando, assim, para o desenvolvimento do aprendizado do inglês. Faremos isso, indicando possíveis etapas que compreendemos ser relevantes para o processo de aprendizagem da LI. Contudo, tais etapas não se apresentam como guias ou prescrições, mas inspirações de atividades para

4 A tentativa de sequência didática que apresentamos aqui tem como base a proposta apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Através dessa conceituação, baseamo-nos nas quatro etapas de aprendizado propostas pelos autores em questão, para a elaboração das atividades a serem discutidas neste trabalho.

que nós, professores, possamos adaptá-las e/ou criar outras, considerando às peculiaridades de cada turma.

- ▶ **Etapa 1:** Apresentar os elementos comunicacionais, discursivos, linguísticos e pragmáticos das HQ a fim de que o aluno possa compreender e interpretar o que foi proposto pelo interlocutor. São eles: requadro, desenho ou vinheta, linhas cinéticas, balão, quadro recordatório, onomatopéias, metáforas visuais e cor.
- ▶ **Etapa 2:** Prover um exemplo de HQ para destacar, juntamente com os discentes, as palavras cognatas, as palavras que eles já conhecem e, possivelmente, apresentar o *new vocabulary* que poderá ser utilizado na atividade seguinte, além de haver a possibilidade de ampliação do vocabulário.
- ▶ **Etapa 3:** Fornecer ao aluno alguma página de HQ que trate da sustentabilidade para juntos realizarem uma leitura em voz alta com entonação de voz, expressões faciais, etc., da historinha, com o intuito de praticar o *reading* e o *speaking* (neste caso, será utilizada a técnica de oralização no momento de leitura em voz alta) dos alunos.
  - » *Reading:* leitura silenciosa da página da HQ fornecida pelo docente, e após, leitura em voz alta e em pequenos grupos.
  - » *Speaking:* pode-se realizar um *role play*, em que o professor incite a discussão sobre o *To reduce, To reuse and To recycle* – importância, como, onde, porque realizar tais ações.
- ▶ **Etapa 4:** Conduzir uma roda de conversa com os alunos, a fim de instigá-los a refletir sobre os problemas ambientais presentes na região em que

eles vivem com perguntas<sup>5</sup> como:

- » *Can you identify environmental problems in your neighborhood?*
- » *Are there actions aimed at environmental issues?*
- » *Have you ever heard about the 3R's<sup>6</sup>?*
- ▶ **Etapa 5:** Propor a reescrita da mesma HQ (aquela fornecida pelo professor na etapa 3) com a intenção de que os elementos visuais constituintes auxiliem o aluno a escrever a sua própria história em LI.
  - » Após as devidas correções do professor, pode-se pedir que os alunos apresentem suas historinhas em voz alta para a turma.
- ▶ **Etapa 6:** Propor aos alunos, como trabalho final deste conjunto de atividades, que elaborem sua própria HQ, desde a criação dos personagens, da temática ambiental (água, poluição, desmatamento...), tempo, espaço, etc., até o formato estrutural das páginas.
  - » Realizar uma exposição/mostra no pátio da escola com os trabalhos realizados, além de apresentação oral para o público (demais colegas de outras turmas e agentes da escola), a fim de conscientizar a todos acerca desta temática tão importante para a sociedade.

## Considerações finais

Vimos, ao longo desta pesquisa, que as HQ podem estimular e incentivar o aluno a ter contato com variados tipos de leitura, uma vez que são instrumentos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças. O professor, como agen-

5 Estas perguntas podem ser moldadas de acordo com as estruturas linguísticas e gramaticais que estão sendo estudadas no momento.

6 3 R's da Sustentabilidade: *To reduce, To reuse and To recycle*.

te 'facilitador', deve, portanto, conhecer as características das HQ para, então, poder utilizá-las com propriedade como recurso de ensino em suas aulas. Destarte que, para uma formação de alunos críticos, é necessário que eles mantenham contato com diversos GTD, e, claro, com aqueles que possuam conteúdos com níveis altos de qualidade para que sejam viabilizadores de transformação na vida dos alunos, ampliando seu gosto pela leitura, pela escrita, pela fala, pelo aprendizado de uma LA, elevando sua capacidade crítica, intelectual e criativa.

Vale salientar que, através do ensino pautado nas HQ, podemos ver claramente que esta é uma proposta eficaz para que o professor possa trabalhar temas transversais aliados à LI, podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento crítico do discente, além de incentivar o aprendizado de outra língua para além da sua língua materna. Para isso, é vista a necessidade de estimular um ensino que se preocupe com a condição de mundo no qual estamos inseridos, favorecendo um modo de pensar livre de qualquer barreira tradicionalista.

Reiteramos que o processo de ensino e aprendizagem que inclui o uso de HQ como recurso pedagógico poderá ser prazeroso, dinâmico e comunicativo para levar o aluno a obter gosto pela LI. Além disso, poderá contribuir para o desenvolvimento da criticidade do discente, ampliando sua visão de mundo acerca da sustentabilidade, aguçando seu senso de cidadania, construindo sua própria concepção epistemológica, discursiva e ideológica acerca do mundo no qual está inserido. Com isso, vê-se a importância de refletir criticamente acerca dos processos de mudança do/no ensino no sentido de ressignificar os recursos de avaliação da escola em geral. Portanto, é relevante que o educador se inquiete a pensar e agir signifi-

cativamente para quebrar paradigmas referentes à sua própria prática.

Assim, terminamos este trabalho com a certeza de que foi possível enxergar, analisar e refletir sobre questões pertinentes ao ensino de LI, que possam ajudar o docente a desenvolver um trabalho que mostre mais significado aos seus educandos, e que é possível aprender uma LA dentro da escola básica. Esperamos que este trabalho instigue outros profissionais da educação a pesquisarem acerca dos GTD, das HQ, dos temas transversais, para assim, contribuirmos com o desenvolvimento dos nossos discentes.

## Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Duas esferas da atuação de professores de línguas: domínio da língua-alvo e gestão do ensino nela realizado. In: MARTINS, Mário; ZONI, Martha (Org.) **Experiências e Reflexões sobre a educação de línguas adicionais**. Macapá: Editora da UNIFAP, 2016. p. 9-18.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Speech genres and other late essays**. Tradução de Vern W. McGee. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BRASIL. **Lei nº 9795, de 28 de abril de 1999**. Brasília, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira**. 2. ed. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Língua Inglesa. Brasília, 2017. p. 241-245.
- BRITISH COUNCIL. **O ensino de inglês na educação pública brasileira**: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Plano CDE. 1º ed. São Paulo, SP. 2015. Disponível em: <https://www.british->



[council.org.br/sites/default/files/estudo\\_oen-sinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf](http://council.org.br/sites/default/files/estudo_oen-sinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf)> Acesso em: 13 fev. 2018

CÂNDIDO DE LIMA, D. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona**: uma questão, múltiplo olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARVALHO, D. **A educação está no gíbi**. Campinas: Papyrus, 2006.

DERRIDA, J. **A Escritura e a Diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1967.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FRANCO, E. S. **HQtronicas**: do suporte papel à rede internet. 2001. 189 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284201>>. Acesso em: 09 mai. 2018.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. **The Communicative Approach to Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1972.

MARCONDES, B.; MENEZES, G.; TOSHIMITSU, T. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARZARI, G. Q.; GEHRES, W. B. S. Ensino de inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades. In: **Thaumazein**. V. 7, n. 14, Santa Maria, 2015. p. 12-19.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a

quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

RODRÍGUEZ, D. J. **História em quadrinhos na aula de língua estrangeira**: proposta de análise de adequação didática e sugestão de exercícios. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua e Literatura Alemã) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, R. E. dos; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos Revista Científica**. São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/715/71523347006/>> Acesso em: 10 fev. 2018.

SCHUMACHER, M. **Will Eisner**: um sonhador nos quadrinhos. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Globo, 2013.

SIQUEIRA, D. S. P.; ANJOS, F. A. dos. Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento. In: **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.1, n.1, 2012. p. 127-149.

TAVARES, M. B. **História em quadrinhos não ficcionais**: usos e discursos. 2016. 208 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na Educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

WIDDOWSON, H. **Teaching Language as Communication**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

Recebido em: 15/04/2021  
Aprovado em: 12/08/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.